UNIVERSIDE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊCIAS HUMANAS

LETRAS MODERNAS - ESPANHOL

A tradução-pensamento de Vilém Flusser

no mediaverso digital

Artur Matuck

Disciplina: “A invenção da língua: criação e tradução na literatura latino-americana” sob a responsabilidade do Prof. Dr. Pablo Fernando Gasparini

São Paulo - 2015

**Introdução**

Vilém Flusser, é o foco deste artigo, por sua excepcional contribuição à temática da tradução enquanto processo de pensamento. Tanto em proposições teóricas, presentes em seu livros, como em inovadoras propostas metodológicas, especialmente a da autotradução, por ele elaboradas e que seguiu na prática e sobre a qual refletiu em vários textos, palestras e entrevistas.

Neste texto, sua teoria da autotradução e da retradução são confrontadas com o ambiente digital contemporãneo e com o sistema computacional de tradução automática atualmente utilizados por tradutores especialmente técnicos. A questão que se coloca é: como teria Flusser reagido diante dos avanços da tecnologia linguística, quais procedimentos ele criticaria e quais ele aceitaria, enfim qual seria sua opinião sobre eles.

**Seção 1 – Experiencia de vida e teoria da tradução**

A experiência multilíngue resultante da trajetória geo-histórica percorrida por Flusser, de sua formação intelectual e de seu nomadismo favoreceu a emergência de um pensamento bastante original acerca dos processos tradutórios. O escritor relata num momento de autorreflexão como sua experiência linguística e vivências pessoais delimitaram sua produção intelectual posterior:

Nasci em Praga, portanto bilíngue: duas línguas de estrutura radicalmente diferente, o tcheco e o alemão, contribuíram em partes iguais para a formação da minha mente, em idade universitária passei a ler e a escrever em inglês, passei a falar inglês como língua cotidiana, e inglês continua sendo a língua na qual recebo a maioria das informações que adubam meu trabalho. Morei durante muito tempo em São Paulo, o português é a língua materna dos meus filhos, escrevi e continuo escrevendo grande parte dos meus trabalhos em língua portuguesa. Atualmente moro na França, o francês passou a ser a língua que falo no cotidiano e meus cursos e conferências são redigidos na língua francesa. Como fui formado pelo sistema ginasial austro-húngaro (herdado pela Tchecoslováquia), o latim e o grego clássicos foram sistemas referenciais para todas as minhas articulações disciplinadas.[[1]](#footnote-2)

Um de seus principais comentadores, Rainer Guldin, no artigo *Tradução e Escrita Multilinguística* (2008),explica em detalhes o conceito flusseriano de autotradução:

Flusser redigiu a maioria dos seus textos em duas ou mais de suas quatro línguas de escrita – português, alemão, inglês e francês – continuamente traduzindo e retraduzindo a si mesmo. […] Ao invés de produzir novas versões de determinado texto na mesma língua, ele sistematicamente o traduzia para outra língua, corrigindo-o e modificando-o no processo [...].

 No entanto, apesar de resultar da experiência de um intelectual do final do século vinte, a prática da tradução enquanto pensamento não constituia nenhuma novidade, conforme Claudia Santana Martins adverte:

A ideia de que a tradução seja uma forma privilegiada de leitura e crítica e, como tal, possa contribuir para a própria escrita e para a literatura não é nova. Encontram-se exemplos dessa contribuição já no início da história da tradução literária ocidental. Quando tradutores romanos, como Cícero e Horácio, mais de dois mil anos atrás, traduziam textos gregos, não o faziam porque isso fosse necessário por razões meramente de compreensão. Afinal, a sociedade romana era, de modo geral, bilíngue. As traduções latinas revelam o interesse pela literatura e pelos conhecimentos de outros povos, a preocupação com o enriquecimento da língua e o desejo de produzir a sua própria literatura. Com efeito, a tradução teve um papel relevante na construção da literatura romana, calcada sobre modelos gregos. ... O tradutor romano ... podia conceber a tarefa da tradução como exercício de estilística comparada, estando livre das exigências de transmitir a forma ou o conteúdo em si. Em consequência, não precisava se subordinar à estrutura do original. A habilidade do tradutor era, portanto, avaliada em função da utilização criativa que era feita do modelo. (MARTINS, 2011, p. 169)

Do mesmo modo, afirma Bernardo Krause, “Flusser não se comportava como um tradutor ‘normal’, preocupado em respeitar o original. O filósofo tcheco-brasileiro deliberadamente deixava a língua-destino alterar seu pensamento na língua-fonte, na mesma medida em que se alteravam a semântica e a sintaxe” *(*2007a, p. 11). Numa entrevista concedida a Thamiris Magalhães, Guldin (2014) esclarece sobre as potencialidades da tradução entre línguas, no seu entender:

Flusser tinha uma visão ampla do conceito de tradução. Traduzir é, sobretudo, transformar, recriar, de modo a descobrir novos aspectos. Traduzir implica sempre um salto de um universo ao outro, um corte radical, e com isso é ilusório querer acreditar que se possa traduzir literalmente, sem perda alguma, bem como tentar defender um princípio errôneo de reprodução perfeita. A tradução como Flusser a entendia, não quer reproduzir uma cópia exata do original. Traduzir significa abrir-se a novas situações, sabendo que, apesar de necessária, a tradução é fundamentalmente impossível. O processo de tradução é aberto, pode continuar ad libtum sem que jamais se chegue a reproduzir exatamente o original. Quando renunciamos conscientemente a esse ideal e nos concentramos no que acontece no processo de tradução para descobrir novas perspectivas, o intraduzível deixa de ser um problema e se torna uma inspiração a seguir. Flusser usou a tradução para criticar os seus textos, para submetê-los ao regime lógico de outra língua, para testar a sua coerência interna, mas também para publicar diversas versões do mesmo texto.

De fato, Flusser considerava cada língua um organismo peculiar, tendo seus próprios meios de se defender de influências externas: “o alemão e o inglês são como vertebrados, nos quais um esqueleto de regras sustenta um organismo em crescimento, e o português é como concha, na qual cascas crescentes de regras protegem um organismo” (FLUSSER, 1992, p. 76). Nessa análise comparativa entre o inglês, o alemão e o português, este último seria o que menos se expõe à influência externa.

[...] o organismo do português não pode crescer sem romper as regras que o encerram. Em consequência, a introdução de elementos estranhos significa libertação da língua, e é engajamento contra a sintaxe. Pois tais neologismos se infiltram constantemente na língua, e o fazem a partir de contextos parcialmente exóticos, por exemplo, do bantu, guarani, japonês e ídiche: de modo que surge a perigosa dialética entre o enriquecimento da língua e a perda de identidade da língua. Tal dialética é apaixonante e pode ser assim formulada: a língua portuguesa é posta em questão, toda ela, toda vez que vai sendo manipulada (FLUSSER, 1992, p.76-77).

Se Fernando Pessoa, que também escreveu em português e inglês, reconhecia a língua portuguesa como sendo a sua pátria, Flusser, por sua vez, considerava-se um apátrida (Bodenlos), perambulando entre as fronteiras das diversas línguas que dominava, ou que talvez o dominassem.

Diversos outros autotradutores como Samuel Beckett, Raymond Federman e James Joyce igualmente recorreram à autotradução como uma ferramenta de escrita criativa. “Esse fenômeno tem sido observado na maioria dos estudos referentes à prática da autotradução: quando o próprio escritor é o tradutor, ele se permite desvios do texto original que outros tradutores dificilmente se permitiriam, e que a ‘tradição’ não consideraria adequados” (Martins, 2011, p. 170).

George Steiner, no entanto, nos proporciona uma visão surpreendente do método tradutório-escritural de Samuel Beckett:

Em relação a boa parte da obra de Beckett não sabemos se surgiu primeiro a versão em inglês ou a versão em francês. Seus textos paralelos têm um brilho incomum. Ambas as correntes linguísticas parecem simultaneamente ativas na redação interlingual e intralingual de Beckett; ao traduzir suas próprias piadas, trocadilhos e acrósticos, ele parece encontrar na outra língua o análogo único e natural. É como se o trabalho inicial de invenção fosse feito em uma criptolíngua, composta igualmente de francês, inglês, anglo-irlandês e fonemas totalmente particulares. (STEINER, 1990, p.17)

Esse jogo de significados subjacente entre as língua realmente pode adquirir uma dimensão inesperada, conforme comenta Steiner, desta vez, referindo-se a Oscar Wilde:

Mas pergunto se a demonstração linguística que permitiu a Wilde escrever *Salomé* em francês ... não indica algo mais profundo. Sabemos absurdamente pouco sobre a harmonia vital entre Eros e a linguagem. O bilinguismo de Oscar Wilde pode ser um desempenho expressivo da dualidade sexual, uma fala-símbolo para os novos direitos de experiência e instabilidade que ele reivindicava para a vida do artista. Aqui, como em outros importantes pontos, Wilde é uma das verdadeiras fontes do caráter moderno. (STEINER, 1990, p.17)

Flusser, no entanto, manteve uma metodologia e uma visão do processo tradutório coerente e convergente com sua experência pessoal e seus propósitos. Seus processos tinham uma motivação intelectual e visavam a evolução e abertura dos pensamentos. Para ele, todo texto está constantemente em construção.

A publicação de um texto [...] é um ato profundamente ambíguo [...] apenas um compromisso temporário: nenhum texto é o texto final, mas tão somente um estágio provisório que se alcançou no curso de um processo de pensamento nômade, processo este fundamentalmente aberto e sem fim. (GULDIN, 2008)

Vivendo e pensando entre línguas e culturas, Flusser adquiriu uma aguda consciência da relação existente entre tradução e pensamento. “O seu método de escrita baseado na autotradução e retradução internaliza o aspecto dialógico da tradução a fim de obter novas perspectivas sobre o assunto a ser desenvolvido na escrita” (Martins, 2011, p. 176).

O importante, portanto, é a consciência do texto como matéria-prima potencial em estado de mutação e os conteúdos que as várias versões trazem espelhadas nas línguas, gerando riqueza vocabular, complexidade sintática e, portanto, novos pensamentos. Seu método seria um sistema generativo de ideias, uma máquina de rearticular e recriar textos e pensamentos.

**Seção 2: Autotradução e o Sujeito Contemporâneo**

Uma primeira visão indicaria que a auto-tradução ou a tradução enquanto processo de pensamento refletiria uma certa constatação, feita pelo sujeito escritor, sobre suas possibilidades e recursos, mas também sobre suas limitações expressivas no âmbito de sua língua materna, ou da língua na qual melhor escreve, na qual ele se reconhece como habitante de um espaço geográfico, cultural e linguístico.

Essa conscientização seria depois seguida por um processo de experimentação no qual o texto, em sua primeira língua, efetivamente se configura como um potencial original a ser traduzido e transformado a partir de um processo no qual se repensa o texto em outras línguas, inclusive adquirindo uma nova sonoridade. Desta forma o texto se torna uma matriz de pensamento, ganhando uma potencialidade e novas significações.

O fenômeno desta dinâmica da tradução-pensamento apresenta-se como perfeitamente natural num contexto contemporâneo de ruptura das fronteiras geopolíticas, graças às interconexões digitais que constituem o ciberespaço, através dos contínuos fluxos de palavras, textos, imagens e sons que conectam indivíduos de todas regiões do planeta.

Deste modo, pode-se dizer que a tradução-pensamento torna-se uma possibilidade expressiva para o sujeito contemporâneo, que se torna cada vez mais nômade, confrontado com culturas, línguas e códigos, inclusive os computacionais, que não lhe são familiares, mas que deve dominar rapidamente para responder a demandas emergentes para sua integração no mediaverso digital.

Imagina-se um indivíduo multi e interlíngue, que lida com discursos, mensagens, nos lugares em que vive ou visita, convivendo com línguas estranhas ou que pouco conhece, mas que é impelido pelas circunstâncias a prover um sentido ainda que preliminar aos discursos e situações que vivencia. Assim, nessas circunstâncias, atua como tradutor-pensador quando menos espera.

Além disso, defronta-se com as caixas pretas das plataformas, softwares, sites ou sistemas com os quais interage, a todo momento tentando decifrar códigos de interação homem-máquina nos sistemas automatizados, em todas as interações online e offline. O usuário permanece na maioria dos casos apenas na superficie ecrânica. Os únicos que tentam penetrar nos códigos de programação que regem os sistemas são profissionais, desenvolvedores de programas ou hackers.

Ainda assim, este sujeito mediano, não especializado, encontra-se crescentemente conectado, num ambiente reticular, imerso em interações ecrânicas que transbordam o espaço circundante, ultrapassando a situação circunstancial do corpo, no tempo presente, com sua problemática pessoal, exigindo-lhe uma constante decodificação multidisciplinar e um constante aprendizado que o torne capaz de respostas imediatas.

Flusser não presenciou a explosão da Internet, mas curiosamente é um dos intelectuais mais respeitados por suas reflexões sobre as novas tecnologias. Guldin esclarece que:

Flusser morreu em 1991. Portanto, ele não conheceu a internet e tudo o que se seguiu. Porém, formulou o conceito de sociedade telemática perto do fim dos anos 1980. Isso implica uma existência dialógica com os outros. Nas sociedades telemáticas, os indivíduos não se inclinam mais ao mundo dos objetos, não são mais assujeitados à realidade das coisas, mas são nós de uma rede intersubjetiva. Flusser resumiu essa ideia na diferença entre sujeito e projeto. Estar online na sociedade telemática implica viver a realidade como projeto coletivo contínuo. Toda forma de saber, todo valor é emanação desse projeto coletivo, e por isso só pode ser um consenso temporário. A liberdade na sociedade telemática consiste, para o autor, na participação na elaboração sempre nova de consenso e na sua projetação. (Guldin, 2012)

**Seção 3: Autotradução flusseriana e as traduções automatizadas**

É possível traçar um esboço de uma reflexão sobre autotradução a partir das ideias de Flusser, sendo revisitadas para o contexto contemporâneo das redes digitais e dos softwares de automatização de tradução (*machine translation*). A questão pode ser assim definida: qual seria a reflexão de Flusser diante dos processos automáticos de tradução que o Google Translator oferece de maneira imediata ou que os softwares de tradução profissional propõem produzindo traduções semiautomáticas.

Atualmente, o processo de tradução automática entre línguas vem se tornando um processo muito difundido, sendo facilitado por vários softwares disponíveis online, especialmente pela plataforma Google Translator. A questão que agora se coloca em consequência disso é: será que o processamento automático entre línguas ainda mantém seu potencial de atuar como tradução-pensamento, tradução-criação, tradução-instigação? O que Flusser teria a dizer sobre a tradução automática?

Esta questão talvez possa ser respondida por uma analogia. Ann Sevanant escreve um interessante artigo relatando a crítica da máquina de escrever em Heidegger que negava autenticidade à datilografia, alegando que o pensamento requeria a ação da mão. Heidegger também propos uma reflexão sobre o computador praticamente nos mesmos termos. Sua atitude em relação ao computador surge em uma carta de 1968:

Tantos pensamentos tornam-se mais fáceis, mas, por vezes, difíceis de dizer num momento em que o homem perde a verdadeira relação com a linguagem e torna-se um escravo do computador.' … Dito isso, como Heidegger teria respondido a escrita eletrônica? Por analogia com a máquina de escrever, ele provavelmente teria descoberto que o computador traz a escrita para o alcance da mão. Heidegger apontou no entanto que esta não é a mão que produz as palavras. … não haveria jorro da mão ao escrever no computador, o gesto da mão real estaria sendo substituído por personagens mecânicos e letras que são cópias. (SEVENANT, 1999)

Flusser contestou esta ideia afirmando o contrário, que o pensamento estaria mais livre escrevendo num teclado de uma máquina de escrever do que com uma caneta na mão. Sem se referir diretamente a Heidegger, Flusser parece compartilhar uma posição exatamente oposta. Lendo os seus textos sobre esse tema, a impressão que fica é de que ele rejeita a idéia de que a máquina de escrever aprisione a liberdade do gesto. É com se estivéssemos mais livres quando estamos digitando do que quando escrevemos com uma caneta. Não apenas porque escrevemos mais rápido e com menos esforço, mas porque a máquina permite uma melhor transgressão das regras dos gestos, e isto ocorre precisamente porque ela destaca as regras. Martelar sobre uma superfície é uma modalidade mais explícita e mais específica do gesto gráfico. Escrever a máquina é uma forma mais precisa de pensar do que escrever com uma caneta, assim, esse seria o gesto mais característico da escrita.

A partir deste raciocínio analógico, será que podemos dizer que Flusser seria favorável à tradução automática? Ou ele aprovaria a tradução automática apenas dentro de certos procedimentos como a pós-edição que implica a atuação de um agente humano complementando o trabalho automático?

Ou de outro modo, talvez ele exigisse do operador de sistemas automatizados alguma intervenção nos sistemas que determinam e direcionam um uso destes sistemas ? Não seria propriamente uma ação da mão mas ao menos da mente em sua inquirição e intervenção nos sistemas pré-determinados.

Este direcionamento desta reflexão implica uma retomada de uma das teorias mais comentadas de Flusser apresentada em *Filosofia da Caixa Preta*. Para ele os usuários que apenas usavam a máquina fotográfica sem atentar para uma alteração de seu mecanismo das engrenagens eram funcionários da máquina e não criadores. O mesmo poderia ser dito dos usuários dos softwares de tradução? Será que ousuário deveria se tornar um programador linguista? Um interventor nos sistemas, um reprogramador?

Neste caso, a teoria de Flusser, propondo um protagonismo para o tradutor-usuário, defronta-se com uma quase impossibilidade deste tornar-se programador de sistemas tecnológicos, adquirindo expertise e conhecimento técnico complexos ou inacessíveis. Hoje este usuário, ao se deparar como os complexos códigos internos, pouco se interessa em dominá-los, ao contrário, busca informações sobre as melhores opções disponíveis no mercado, buscando nos instrumentos ou nos programas em oferta aqueles que podem melhor se adequar a seu objetivo específico.

O usuário contemporâneo não seria um pesquisador das engrenagens, mas também não é justo dizer que é apenas um funcionário destes programas. O que definiria sua criatividade seria um conhecimento das possibilidades, uma permanente interconexão e busca de informação e eventualmente uma atuação com base no hacktivismo.

Pode-se dizer que para Flusser cada língua era uma espécie de software especifico que transformava seu texto de uma maneira dada. O linguista usuário autor de hoje buscaria softwares de processamento de texto e de tradução para conduzir a construção de seu texto. Penso que ele não se dispõe a alterar o programa interno da máquina ou do software mas aprender a usar tão bem os instrumentos (software ou hardware) de acordo com seus interesses.

Aqui cabe especular qual máquina ou software oferece um maior número de opções dentro do patamar de conhecimentos do consumidor médio. Eles são sistemas avançados criados por empresas e comunidades que detêm conhecimentos tecnológicos avançados e que por isso ultrapassam em muito a capacidade de absorção de um indivíduo isolado.

No entanto, esse usuário está em estado de permanente conexão e sua situação multiindividual coloca-o numa posição melhor do que um fotógrafo operando seu aparelho completamente alienado, da tecnologia que produz o instrumento.

A situação deste usuário seria dificilmente comparável com situações anteriores. Mas Heidegger e talvez Flusser teriam certamente algo a dizer sobre a mão novamente atuando nos sistemas da escrita contemporânea, através dos gestos que ativam os ipads e tablets.

**Seção 4: A tradução expandida**

A autotradução flusseriana tem sido estudada como um método excepcional para a geração e evolução de um pensamento criativo. Sua tradução-pensamento pode ser vista como um conceito emergente no contexto do processo de transmigração cultural, de aproximação entre campos de experiências diversas e por vezes distantes entre si e mesmo incomensuráveis.

A tradução-pensamento de uma língua para outra aponta também para uma dinâmica de reconhecimento de elementos comuns e díspares que podem ser atribuídos a códigos diversos, configurando-se como uma “literotopia” na qual energias incomensuráveis, como duas línguas que em princípio se excluem mutuamente, como detentoras de um primado de significações exclusivas, possam finalmente dialogar num espaço compartilhado de textos e palavras para produzir sentidos múltiplos em ambas.

Esta “litero” ou “semiotopia” indicaria que sistemas de signos aparentemente incomensuráveis podem, eventualmente, dialogar e estimular um processo criativo e redefinidor de textos, repletos de novas palavras de valor polissêmico ou de estranhamentos sintáticos.

Desta maneira, a tradução-pensamento pode favorecer a recriação de sentidos dos textos e em consequência ampliar a abrangência do pensamento, da cultura e da política.

Flusser não apenas era capaz de realizar uma tradução“entre linguas”, como também traduzia entre categorias que seriam aparentemente incomensuraveis, tais como ficção e filosofia, conforme aponta Seligmann: "No pequeno texto de 1990, 'Pontificar', Villém Flusser explora a ideia da tradução como construção de pontes. Aí ele afirma que os pontífices (construtores de pontes) seriam essenciais, hoje mais do que nunca. Eles deveriam permitir o trânsito não apenas entre as diversas línguas (trânsito impossível, mas necessário), como também entre o discurso verbal e o imagético, entre o conceito e o algoritmo, entre a música e as demais linguagens. Traduzir implicaria um 'alto entre universos’" (SELIGMANN, 2014, p. 224).

Esta proposta sugere portanto que Flusser não apenas praticava a autotradução e a retradução entre línguas mas também entre categorias disciplinares, históricas, conceituais ou epistemológicas. Ele violava os princípios do pensamento disciplinar (em duplo sentido) violando suas regras mais fundamentais ao considerar p.ex. a ciência como ficção.

Em sua autobiografia Bodenlos ele adianta seus princípios de recusa e reavaliação de princípios a partir de sua história pessoal de nomadismo e poliglotia. "Em suma, sou heimatlos, porque muitíssimas pátrias [Heimaten] se armazenam em mim. Isto se manifesta diariamente no meu trabalho. Eu sou apatrizado [beheimatet] em pelo menos quatro línguas e me vejo exortado e obrigado a traduzir e retrotraduzir tudo a-escrever [Zu-schreiben]" (FLUSSER, 1992, p. 247).

**Seção 5: Considerações finais:**

 **Uma possível transducção automática**

Uma questão pertinente para a tradução in- e trans- disciplinar seria sua correspondente tecnológica, a chamada transdução, a tradução de um sistema de signos para outro, do áudio para o visual ou vice-versa. Isto corresponderia a tradução entre sistemas semióticos e eventualmente poderia levar a uma reflexão sobre esta amplitude desafiadora que Flusser colocava para as categorias disciplinares.

Aparentemente não há softwares capacitados a traduzir entre categorias mas apenas entre sistemas e com resultados limitados para a área artística. A transdução no entanto está programada em vários sistemas tecnológicos, no fax, por exemplo que traduz imagens em sons e vice-versa, ou na transmissão televisual que traduz impulsos eletromagnéticos em imagens e sons.

No entanto, pode-se aventar a hipótese de uma transduçção em sistemas linguísticos. Por exemplo, alguns processadores de texto podem ser instrumentos para uma possível investigação de como um escritor pode ser visto como cientista, como p.ex. Proust poderia ser considerado um psicanalista, como aventado em trabalhos de Philippe Willemart, ou eventualmente um filósofo.

Poder-se-ia perguntar se uma reinterpretação radical de um texto que se afastasse radicalmente das aparentes, declaradas ou reconhecidas interprettações de um textos pudesse ser reconhecida como uma transdução linguística ?

Um software editor de texto pode buscar palavras pré-determinadas e as frases que elas compõem para formar um corpus linguístico a ser investigado em uma direção particular de pesquisa que se afasta radicalmente das interpretações consagradas de um texto, abrindo a possibilidade do texto ser reinterpretado como sendo de outra natureza, sugerindo conceitos ou propostas teóricas, históricas ou conceituais de natureza inédita ou imprevista.

Na verdade, a releitura estatística, sintática, léxica, morfológica de um texto literário ou cientifico, realizada por um avançado processador de texto, pode indicar qualidades insuspeitas naquele texto e conduzir a propostas de redimensionamento do texto e das ideias de seu autor.

Este caminho possível indicaria de como o usuario contemporaneo poderia deixar de operar como um funcionario da máquina tradutora e passar a operar como um tradutor transcriativo. Ele se apropriaria dos recursos reordenadores dos sistemas de tradução e análise linguística automáticas para investigar, reler, recriar e de certo modo, transduccir.

**Referências bibliográficas**

BERNARDO, Gustavo; FINGER, Anke; GULDIN, Rainer. *Vilém Flusser: uma introdução*, São Paulo: Annablume, 2008.

BLATICKOVA, Eva. *A época brasileira de Vilém Flusser*. São Paulo: Annablume, 2010.

FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. 3a edição. São Paulo: Annablume, 2007.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ *Bodenlos, uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 1973.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*, Rio de janeiro: Editora da UERJ, 1998.

GULDIN, Rainer. *Pensar entre línguas: a teoria da tradução de Vilém Flusser*. São Paulo: Annablume, 2010.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Tradução eescritamultilinguística. In: BERNARDO, Gustavo; FINGER, Anke; GULDIN, Rainer. *Vilém Flusser: uma introdução*. São Paulo: Annablume, 2008.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Flusser e a filosofia da pluralidade, do encontro e do diálogo, em IHU, Revista do Instituto Humanitas, Unisinos, No. 399, Ano XII, ago/2012.

MARTINS, Santana *A autotradução como método de reflexão em Flusser*, Scientia Traductionis, n.9, 2011.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *De Flusser a Benjamin, do pós-aurático às imagens técnicas*. Em: Flusser Studies, No. 8. Disponível em: <http://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/seligmann-flusser-benjamin.pdf>, acesso em 09-03-2015.

SEVENANT, Ann Van. *Ecrire a la lumière*. Paris: Ed. Galilé, 1999.

STEINER, George. *Extraterritorial, a literatura e a revolução da linguagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

1. Vilém Flusser. Retradução enquanto método de trabalho, FLUSSER STUDIES 15 1 [↑](#footnote-ref-2)